



KAREN McQUESTION

A *menina*  
NO ESCURO

Uma cena estranha, no meio da noite, pode ser o primeiro grito de socorro oferecido pelo acaso.



FARO  
EDITORIAL

KAREN McQUESTION



*A menina*  
NO ESCURO

Tradução:  
Adriana Krainski

 FARO  
EDITORIAL

**THE MOONLIGHT CHILD © 2020 BY KAREN MCQUESTION**  
**TRANSLATION RIGHTS ARRANGED BY TARYN FAGERNESS AGENCY AND**  
**SANDRA BRUNA AGENCIA LITERARIA, SL**  
**ALL RIGHTS RESERVED**

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2022**

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer  
meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**  
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**  
Preparação **ANA CAROLINA SALINAS**  
Revisão **ELAINE DE ARAÚJO E CRIS NEGRÃO**  
Capa e diagramação **REBECCA BARBOZA**  
Imagem de capa **MOSHBIDON | MOTORTION FILMS**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

McQuestion, Karen  
A menina no escuro / Karen McQuestion ; tradução de Adriana  
Krainiski. -- São Paulo : Faro Editorial, 2022.  
256 p.

ISBN 978-65-5957-209-0  
Título original: The moonlight child

1. Literatura norte-americana 2. Mistério I. Título II. Krainiski,  
Adriana

22-3041

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:  
1. Literatura norte-americana



1ª edição brasileira: 2022  
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310  
Alphaville — Barueri — SP — Brasil  
CEP: 06473-000  
[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)



# Capítulo 1

Hoje era aniversário de Morgan. Três anos se passaram, mas, na cabeça de Wendy, sua filha ainda tinha dezoito anos, idade em que discuti com a mãe e saiu furiosa de casa, com tudo o que coube na mochila. Suas palavras de despedida foram: — Estou de saco cheio de você. Quero mais é que você se dane!

Edwin imaginou que ela voltaria, mas naquele mesmo dia Wendy teve um mau pressentimento. Por muitos meses antes do acontecido, ela e Morgan brigavam com frequência, geralmente por causa do namorado muito mais velho da filha, Keith, e do seu novo grupo de amigos, todos viciados, ao que parecia para Wendy. Morgan fora uma adolescente difícil, e as coisas pioraram ainda mais depois que ela se meteu com aquele novo bando, que conheceu trabalhando como assistente de bar em um lugar horrroso no centro da cidade. Uma garota de dezoito anos trabalhando à noite em um bar era certamente uma receita para aborrecimentos. A notícia de que conseguira um emprego naquele lugar não caiu muito bem para os seus pais, Wendy argumentou que aquilo não deveria nem ser permitido por lei.

— Olha a sua idade — ela ressaltou. — Não deveria nem entrar num lugar daqueles, quanto mais trabalhar lá.

— Com as gorjetas, eu ganho três vezes mais do que se trabalhasse em uma loja. Você disse que, se eu não fosse para a faculdade, precisaria ganhar dinheiro para pagar as minhas contas. Aí quando eu consigo, você só sabe botar defeitos — Morgan retrucou.

Morgan tinha um jeito de colocar as palavras de Wendy contra ela, que a deixava nos nervos. A mãe era pacífica por natureza, mas Morgan estava sempre procurando briga.

Edwin sugeriu que eles, os pais, deveriam assumir uma postura de não interferência.

— Deixa ela matar a curiosidade, vai acabar cansando e ver que aquelas pessoas não têm futuro na vida. Nós a criamos bem. Ela vai voltar para nós.

— E se ela não cansar? E se ela não voltar para nós? — Wendy perguntou.

— Wendy, não temos muita escolha. Ela é adulta. Quanto mais você pressionar, mais vai afastá-la. Se ficarmos calmos e mantivermos um bom contato, ela vai voltar para nós quando estiver pronta. Acredite, isso é só uma fase.

Ela discordava disso com todas as células do seu corpo, mas cedeu, acreditando que Edwin era o mais ajuizado e imparcial dos dois. Além disso, como professor universitário, ele lidava com garotas da idade de Morgan todos os dias. Era quase um especialista em adolescentes. No fundo do coração, ela sentia que Edwin estava errado, mas ele parecia tão seguro que ela chegava a duvidar de si mesma. Wendy se arrependeria disso mais tarde. Intuição de mãe era a única coisa que ela tinha a seu favor e escolheu ignorar.

Drogas e álcool se tornaram os monstros que consumiam sua filha. Ela não podia provar que Morgan estava usando drogas, mas seus instintos lhe diziam que sim. A personalidade de Morgan estava diferente. Ela andava mal-humorada e perdera peso, algo que atribuía ao esforço físico no trabalho. Para se explicar, contraía o bíceps e dizia: — Isso aqui é de tanto trazer caixas de cerveja do porão. — Como se fosse motivo de orgulho. Quando sua nova melhor amiga, uma moça chamada Star, bateu na porta procurando por Morgan, Wendy só conseguia pensar que ela se parecia com aqueles viciados saídos dos filmes, com o cabelo ensebado, olhos vermelhos e tiques nervosos. Ela viera para pegar dinheiro emprestado, claro, algo que Wendy captou no ar, mesmo a conversa entre as duas tendo sido sussurrada no corredor.

Tantos conflitos, tantas preocupações, e agora ela simplesmente foi embora.

A princípio, os pais pensaram que ela fora para a casa de algum amigo. Depois de dois dias de sumiço, Wendy prestou queixa à polícia. Os policiais foram solidários, mas pouco úteis. Morgan, disseram eles, não estava desaparecida, tecnicamente falando. As palavras de despedida foram uma mensagem clara de que ela estava indo embora por vontade própria. Mas os policiais foram bacanas, interrogaram todo aquele pessoal estranho que frequentava o local onde Morgan trabalhava. Perguntaram sobre o namorado, Keith, mas ninguém sabia muito sobre ele, muito menos onde ele estava ou como entrar em contato. Era uma vergonha, mas Wendy não sabia nem o sobrenome do rapaz. Perguntara a Morgan o nome completo do namorado e fora acusada de começar um interrogatório, então, deixou passar. Agora, sabia que ter deixado isso passar fora um grande erro.

A polícia não poderia fazer mais nada, mas Wendy reconheceu a tentativa.

Pela própria sanidade, a mãe enfrentou o primeiro ano mantendo-se ocupada. Além de trabalhar o dia todo como contadora em um escritório de advocacia, colava cartazes, fazia ligações e até criou um *site*. Ela ligava direto para o celular de Morgan, até que o número deixou de cair na caixa postal. A

empresa telefônica disse que a conta fora cancelada, mas não podiam dar mais informações. Wendy ainda verificava os comentários no *site* todas as manhãs, mesmo nunca tendo levado a nada concreto. O título da página era *Você viu a nossa filha Morgan Duran?* Abaixo do título, havia uma colagem de fotos de Morgan, junto com uma descrição física. Um metro e sessenta e sete, corpo esguio. Olhos castanhos, cabelo castanho-escuro, pele levemente parda. Mas ela era tão mais do que isso, então Wendy acrescentou: *Morgan, se você estiver lendo isso, por favor, venha para casa. Estamos com muitas saudades.*

Tantas memórias. Desde pequenininha, sua filha tinha um sorriso que iluminava o mundo e uma risada contagiante. Seu irmão mais velho, Dylan, a adorava — adora até hoje.

À medida que o tempo passava, ela e Edwin só falavam sobre Morgan na hora de dormir, pois no escuro era mais fácil extravasar o luto e a preocupação. Embora Edwin negasse, Wendy tinha a impressão de que ele achava que Morgan estava morta. Ele nunca chegou a dizer, provavelmente porque aquelas palavras ditas em voz alta partiriam o coração dos dois ao meio, mas ela captou a mensagem mesmo assim. O que ele dizia era: — Estou tão arrasado quanto você, mas acho que deveríamos nos preparar para o pior.

Wendy nunca estaria preparada para o pior, mas aquela situação, meio lá, meio cá, sem saber nada, era igualmente ruim, consumindo-a por dentro. Durante os dias agitados no escritório de advocacia, ela às vezes passava horas sem pensar em Morgan, mas nunca chegou a passar um dia sem sentir a agonia de lembrar que sua filha estava desaparecida.

Dylan sugeriu que os três enviassem uma amostra de saliva para empresas de testes genéticos, para que o DNA da família ficasse arquivado. Por precaução. Wendy acatou a sugestão, mas a “precaução” dela passava por um cenário em que Morgan estava em coma em um hospital em algum lugar, não identificada, e quando encontrassem a correspondência do DNA, a família poderia ir correndo até ela, o som da voz da mãe a despertaria do coma e ela se recuperaria por completo.

Depois dos primeiros dois anos, os amigos e parentes pararam de fazer perguntas, sabendo que, se houvesse alguma novidade, eles seriam informados. De vez em quando, aparecia um artigo ou um trecho de um vídeo sobre alguma pessoa desaparecida que, depois de longos anos, se reencontrou com a família. Nenhuma daquelas histórias era fácil. Os personagens nunca eram vítimas de amnésia. Nenhuma delas perdera o contato com a família por conta de algum mal-entendido. Geralmente, aconteciam coisas terríveis com

elas, coisas que Wendy não desejaria ao seu pior inimigo, e que por algum motivo, as pessoas sentiam a necessidade de encaminhar tais histórias para ela, como que dizendo: — Veja, não é um caso perdido. Pode ser que aconteça.

Desistir não era uma opção, então a mãe continuou procurando na internet, conversando com a polícia e lendo os comentários do *site*. Como se o seu esforço fosse levar a história a um final feliz.

Naquele dia, faltou ao trabalho para passar o aniversário de Morgan em casa. Alguém precisava comemorar, lembrar que algum dia houve uma garota chamada Morgan, que veio ao mundo como uma linda bebezinha, com quase três quilos ao nascer, a criança mais meiga que ela já vira. Wendy se lembrou da infância da filha, de como ela adorava se vestir de princesa, de como seguia o irmão pela casa como um patinho, e de como ela chegou ao ensino fundamental sem nenhuma falta, mesmo justificada por motivos de saúde. Foi no ensino médio que os problemas começaram: a rebeldia, as saídas escondidas de casa. Ainda assim, a mãe via sinais de sua filha linda, inteligente e divertida por baixo daquilo tudo. Era uma fase, Wendy dizia a si mesma, uma fase que ela rezava para que acabasse logo. Mesmo com toda a dor que Morgan causara, Wendy não a trocava por nada no mundo. E assim foi, até que, quem poderia imaginar, o mundo tirou a filha dela.

Depois de verificar o *site* mais uma vez, Wendy foi até o armário da despensa e pegou uma embalagem com dois *cupcakes* de chocolate e recheio de creme, embrulhados em papel celofane, que comprara para aquela ocasião. Eram os preferidos de Morgan. Wendy acomodou um deles em um pratinho e colocou uma vela no meio dele. Ela pegou a caixa de fósforos em uma gaveta de tralhas da cozinha e, com as mãos tremendo, riscou o fósforo contra a tira escura na lateral da caixa. O palito fez uma bela chama, ela acendeu a vela, assoprou o fósforo e o jogou na pia da cozinha.

A mãe se sentou de frente para o *cupcake* à mesa e começou a cantar com a voz trêmula: — Parabéns pra você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida.

Assoprando a vela, Wendy fez um pedido.



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**

CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus  
HIV e de hepatite que não se trata.  
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite  
é mais rápido do que ler um livro.

**FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM OUTUBRO DE 2022